

mezclarlo com achicoria, pecado de que participa aún la Europa más refinada. Cierto que hay sus venerables excepciones: el napoleónico Corcellet, en París; el expreso, de Italia, que es muy potable al fin y al cabo. Ventura García Calderón confiesa que debe a Balzac la receta del buen café. Pero es posible que diga esto un peruano?

Y voy a probar el mal com el caso que más me duele y más me confunde. De regreso a mi país, me he encontrado com que también por acá va desapareciendo el noble arte de elaborar el café. Fui en su busca hasta la Meca del café michoacano, hasta Uruapan. La hermosa carretera de Morelia a Pátzcuaro — una de las más hermosas del mundo — se bifurca a cierta altura, y allí una senda nos conduce a Uruapan, por entre oleajes de cumbres y huertas y selvas olorosas. Pronto la tierra — rojiza como en São Paulo, tierra que promete y da el café — comienza a envolvernos. Uruapan se acerca, dormida gloriosamente en sus jardines, sus cascadas y aquellos románticos toldos vegetales — tema de la literatura descriptiva en ciertos años, según lo ha notado Azorín.

Y el campo tiene un "sí sé qué" de campo europeo, evocado por las golondrinas y las cercas de palo. Aquí está Uruapan, fresca planta del suelo. Lindas muchachas observan la llegada del auto, com unos ojazos del color del café. La tez morena y dorada de la raza exalta la imagen del café, de la omnipresencia del café, a extremos de alucinación... Y cuál no fué mi desengaño! Allí me dieron a beber un frio y negro extracto de cucaracha, viejo y torcido de varios días, en una botella mal tapada com un saco de papel de periódico, y me pusieron al lado — abominación de la abominación! — una jarrita de agua caliente para que graduara a mi gusto el ponzoñoso brebaje.

SOCIEDADES CARIÓCAS PARA CONVERSAR E COMER³

Rodrigo Octávio de Langgaard Menezes
(1866-1944)

O Clube Rabelais (1892-1893)

A idéia da Fundação do Clube Rabelais partiu de Araripe Júnior. Não teria estatutos, nem sede, nem diretores; consistiria apenas na organização de um jantar mensal que reunisse homens de letras e artistas, para uma hora de agradável convívio, na expansão de seu gênio comunicativo, em torno de uma mesa de modestas igua-

³ Reproduzido de *Minhas memórias dos outros*. Última Série. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1936.

Era em agosto de 1892... Raul Pompéia inaugurou o Clube Rabelais no restaurand Stadt München, no Largo do Rocio, esquina da Travessa da Barreira, hoje Rua Silva Jardim. O menu desse primeiro jantar foi pródigo e inexcédível, foi na verve brilhante, na graça espontânea e viva com que se encheu essas memoráveis horas. No fim do banquete, procedeu-se, como convencionado, à eleição do futuro comissário, sendo eleito Pedro Rabelo.

Valentim Magalhães, então homem de vida organizada, diretor de uma próspera Companhia de Seguros, A Educadora, e com secretários à disposição, teve a obsequiosidade de enviar a cada um dos companheiros o relatório que aqui reproduzo:

Clube Rabelais

1º. Banquete. Teve lugar a 12 de agosto do ano passado (1892), data da sua instalação, no Stadt München. Foi seu comissário Raul Pompéia. Estiveram presentes Lúcio Mendonça, Urbano Duarte, Pedro Rabelo, Artur Azevedo, Rodrigo Octávio, Raul Pompéia e Valentim Magalhães (7 sócios)

2º. Banquete. Teve lugar no Hotel do Globo, a 16 de setembro de 1892. Foi comissário Pedro Rabelo. Estiveram presentes Artur Azevedo, Urbano Duarte, Pedro Rabelo, Raul Pompéia, Henrique de Magalhães, Rodrigo Octávio e Valentim Magalhães (7 sócios).

3º. Banquete. Foi igualmente no Globo, a 14 de outubro de 92. Foi comissário Rodrigo Octávio. Compareceram Lúcio de Mendonça, Urbano Duarte, Raul Pompéia, Pedro Rabelo, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Xavier da Silveira e João Ribeiro (10 sócios) e como convidado, Raimundo Correia.

4º. Banquete. Efetuou-se a 11 de novembro de 92, no Hotel da Companhia de Panificação. Foi comissário Valentim Magalhães. Compareceram Lúcio de Mendonça, Raul Pompéia, Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Xavier da Silveira, Rodrigo Octávio, Pedro Rabelo, Artur Azevedo, Araripe Júnior, Urbano Duarte, Valentim e Henrique de Magalhães (12 sócios).

5º. Banquete. Foi a 9 de dezembro de 92, em casa de Artur de Azevedo, sendo ele próprio o comissário. Presentes estiveram Lúcio de Mendonça, Urbano Duarte, Capistrano de Abreu, Valentim Magalhães, Julio Ribeiro, Artur Azevedo, Araripe Júnior, Xavier da Silveira, Raul Pompéia, Pedro Rabelo, Coelho Neto e Alfredo Gonçalves (12 sócios). Faltaram os sócios Henrique de Magalhães, Delgado de Carvalho e Rodrigo Octávio, com os quais se perfaz o número completo de 15 sócios. Os jantares têm sido sempre na segunda sexta-feira de cada mês, sem brindes e sem discursos.

Nota enviada com as saudações de ano novo por Valentim Magalhães, Rio, 7 de janeiro de 1893.

Em 1893 houve ainda seis jantares.

Henrique e Valentim Magalhães, os dois irmãos poetas, alterando os hábitos anteriores, convidaram os sócios do clube para um famoso piquenique em uma chácara em Jacarepaguá, em que então viviam. O convite para a festa veio numa epístola rimada, em que se especificava o que cada um devia levar.

O exemplar que me tocou rezava assim: "Rodrigo Octávio de Langaard Menezes. 29 de Abril.

Preclaro amigo.

O que tu vais ouvir, bem poucas vezes

Terás ocasião de ouvir, Rodrigo;

Maio, 3, convescote em Jacarepaguá.

Que os 15 jacarés não faltem à festança.

Trem das 8,50. Em Cascadura está

Um bondeco esperando os heróis da pitança.

Calhorda, rei da galhofa.

Leva o peru... com farofa.

Ribeiro, que surpresa nos reserva?

En attendant... explica-te... em conserva.

Olha, tu, Xavier da Silveirinha,

Leva-nos uma *dita*... de galinha.

Susta, ó Raul! A guerra aos *Iusitões*

E traga-nos pastéis e camarões.

Não nos deixes, Tristão, morrer à míngua;

Leva-nos, pois, rosbife e boa língua.

Ai de ti, se tu não fosses

Ao convescote, Capistra!

Na direita leva doces,

Leva queijo na sinistra!

Que nos deixem *molhados* como pintos,

Oh! Lúcio, os teus famosos vinhos tintos!

Que do Olimpo os umbrais nos abram francos,

Oh! Artur, os teus belos vinhos brancos.

O Henrique e o Valentim pagam o bonde

E os *advérbios* mais de lugar onde.

Agora, para acabar

Com chic este pic-nic,

Que não é festa de brutos,

Certamente há de levar,

Ao pic-nic chic,

O P. Rabelo os charutos.

(E só nos falta presunto!)

Enfim... sem mais assunto,

Assinam-se os de vós (*manducadores*

De bons pitéus e não de peixe frito)

Amos, e Obrgos. Servidores

Valentim Magalhães, Henrique dito”.

E da vida do Clube Rabelais só um documento resta em meu arquivo, o convite do Delgado de Carvalho, para o ágape de junho, que foi o derradeiro.

A Panelinha (1900-1901)

Estes interessantes encontros de escritores e artistas não cessaram, porém; surgiu a Panelinha,⁴ com a mesma estrutura do Rabelais, almoço, contribuições fixas; foi, porém, abolido o luxo dos cardápios para aliviar o orçamento.

O nome da nova organização provinha de uma pequena caçarola de prata; presente do pintor Amoedo, e que era o símbolo da instituição; findo cada almoço, era ela solenemente entregue ao novo comissário, logo após a eleição. O sistema provou bem. A Panelinha viveu regularmente muitos meses. Não houve, porém, quem lhe registrasse a vida, e a ausência dos cardápios suprimiu um favorável elemento da reconstrução. Fui membro da Panelinha, mas não possuo mais que três documentos de sua existência; avisos de banquetes em que foram comissários Machado de Assis, Urbano Duarte e Valentim Magalhães.

As reuniões, a que se referem esses papéis, se realizaram em 5 de outubro de 1900, 6 de janeiro de 1901, ambos no Globo, e em 7 de julho de 1901, no Palacete das Laranjeiras, 192. Outros almoços congregaram, porém, os membros da Panelinha muitas outras vezes. No próprio convite de Valentim, para o almoço de 7 de julho, se diz que se realizará “no mesmo lugar do último (Laranjeiras, 192)”. Refere-se talvez ao almoço de que foi comissário Inglês de Souza.

Do que me recordo é que foi ela vivendo até que, um dia, Jacguai foi eleito comissário. O velho marinheiro, já neurastênico e impertinente, num daqueles gestos de displicência, a que se julgou autorizado no fim de uma longa vida gloriosa, e de que deu exemplo em seu discurso inaugural, na Academia Brasileira, declarando solenemente que não conhecia a obra de seu antecessor e que dela nada havia lido, não esteve para a maçada, deu sumiço à panelinha e acabou-se a história...

Os jantares da “Revista Brasileira” (1896)

Entre essas duas séries famosas de comidas cordiais e alegres vieram, em 1896, os jantares da *Revista Brasileira*. Houve

⁴ À “Panelinha” pertenciam Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, João Ribeiro, José Veríssimo, Valentim Magalhães, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Filinto de Almeida, Sousa bandeira, Inglês de Sousa, Rodrigo Octávio, Rodolfo Bernardelli, Rodolfo Amoedo, Artur Azevedo, Silva Ramos, Heitor Peixoto.

primeiro um mais solene, realizado em 12 de maio daquele ano. O cardápio, impresso em bom papel, era enriquecido das seguintes epígrafes... eruditas:

"Celebrando a Páscoa, disse o encantador profeta da Galiléia: Tolerai-vos uns aos outros: é o melhor caminho para chegardes amar-vos..." E. Renau — *Obras não escritas*.

"Não sei se não será nas viandas de um jantar que se achará o micróbio da união. Talvez não seja, em todo caso, é bom experimentar." M. de Assis — *Vida e feitos de Brás Cubas* — *Cap. dos Jantares*.

Das outras reuniões os cardápios foram mais singelos; reproduziam a capa da *Revista* no seu mesmo papel verde, sendo o sumário do número, substituído pela lista de iguarias.

Um desses documentos, reza assim:

II Jantar. 9 de junho de 1896. Revista Brasileira. Sumário.

I: Sopa Jardineira; Ferreira de Araújo.

II: Peixe à brasileira; Araripe Júnior.

III: Franguinho de cabidela; Machado de Assis,

IV: Churrasco do Rio Grande com farofa; Joaquim Nabuco.

V: Peru recheado com presunto; Artur Azevedo.

VI: Salada de couve-flor; Afonso Celso.

VII: Bibliografia — Pudim de laranja; Pedro Tavares. Frutas; José Veríssimo. Sorvetes; Rodrigo Octávio.

VIII: Notas e observações — Clarete, Bordeaux e Porto; Silva Ramos, Taunay, Tarquínio de Sousa.

Rio de Janeiro. Sociedade — Revista Brasileira. 31, trav. do Ouvidor, 31. 1896.

Realizaram-se esses jantares no Hotel dos Estrangeiros, em uma das pequenas salas de então, dando para o largo. Eram modestos e calmos; José Veríssimo, circunspecto e morigerado, dava a nota da gravidade, que aliás o insubmisso gênio folgazão de Arthur Azevedo quebrava a cada momento. Machado, Nabuco e Taunay, que não haviam aderido ao barulhento Rabelais, não faltavam nunca a esses jantares.